



## **A REPRODUÇÃO CAMPONESA COMO ELEMENTO DA QUESTÃO AGRÁRIA EM ALAGOAS: UM ESTUDO DE CASO NO TRECHO DA BR – 104 ENTRE UNIÃO DOS PALMARES E MURICI/AL**

**Reinaldo Sousa**

---

### **Resumo**

Pensar a Questão Agrária nos dias atuais é considerar, dialeticamente, a relação capital/trabalho. É baseado nesta dialética que se buscou, neste trabalho, compreender a questão agrária em Alagoas, a partir da análise da reprodução camponesa de beira de estrada, em um estudo de caso em acampamentos que margeiam a BR-104, entre as cidades de União dos Palmares e Murici. A metodologia utilizada pautou-se na observação direta; na realização de entrevistas estruturadas e aplicação de questionários. Enquanto escolha de método, optou-se pelo materialismo histórico-dialético. Essa escolha se dá por acreditarmos que esse método é eficaz para elucidar os principais problemas da sociedade, no atual período da história. Trata-se de um método que, ao nosso ver, possibilita conhecer melhor a realidade do tempo presente. Os resultados obtidos não só reafirmam a existência de uma questão agrária no Brasil, como seu agravamento nos dias atuais. Acreditamos, pois, que o estudo, somado a tantos outros pelo Brasil, pode contribuir para uma melhor compreensão da nossa questão agrária, quiçá para uma possível superação/minimização dos seus efeitos.

**Palavras-Chave:** Questão-Agrária. Alagoas. Reprodução Camponesa.

### **LA REPRODUCCIÓN CAMPESINA COMO ELEMENTO DE LA CUESTIÓN AGRARIA EN ALAGOAS: UN ESTUDIO DE CASO SOBRE EL TRAMO BR-104 ENTRE UNIÃO DOS PALMARES Y MURICI / AL**

### **Resumen**

106

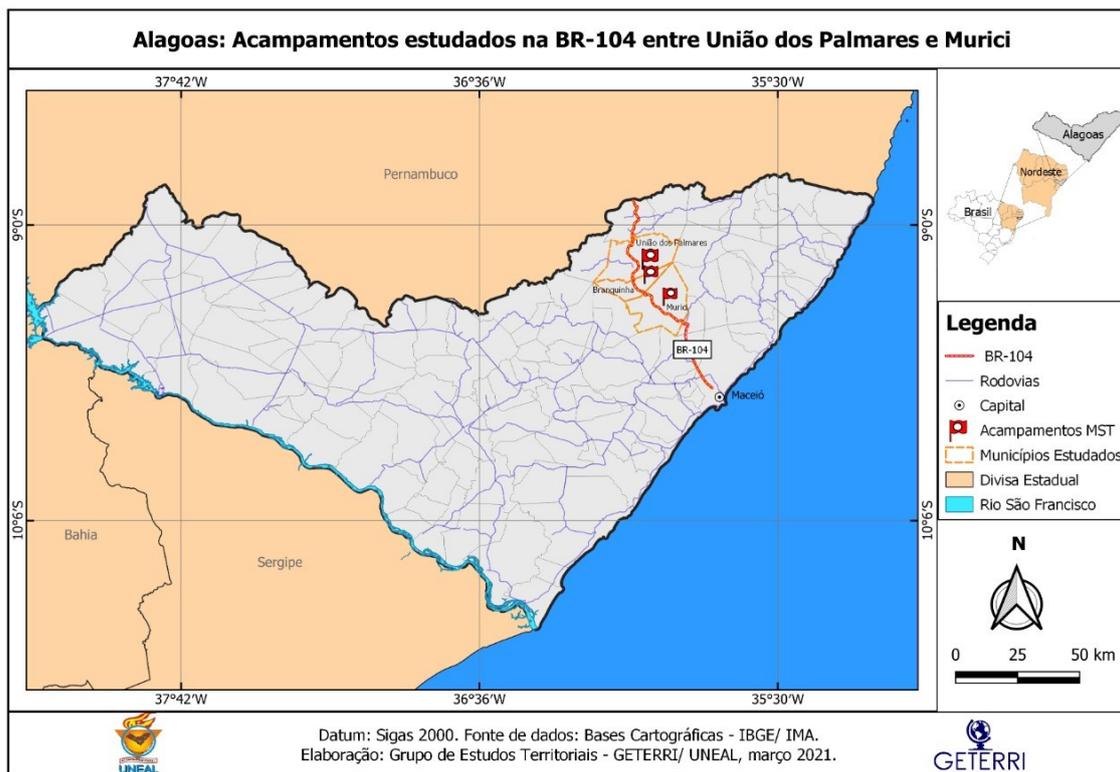
Pensar hoy la Cuestión Agraria es considerar dialécticamente la relación capital / trabajo. Es a partir de esta dialéctica que buscamos, en este trabajo, comprender la cuestión agraria en Alagoas, a partir del análisis de la reproducción campesina al costado de la carretera, a partir de un estudio de caso en campamentos que bordean la BR-104, entre las ciudades de Unión de Palmares y Murici. La metodología utilizada se basó en la observación directa; entrevistas estructuradas y cuestionarios. Como método de elección se eligió el materialismo histórico-dialéctico. Esta elección se hace porque creemos que este método es eficaz para dilucidar los principales problemas de la sociedad en el período histórico actual. Es un método que, a nuestro juicio, permite conocer lo más cerca posible de la realidad, de la actualidad. Los resultados obtenidos no solo reafirman la existencia de un problema agrario en Brasil, sino que hoy se agrava. Creemos, por tanto, que el estudio, sumado a tantos otros por Brasil, puede contribuir a una mejor comprensión de nuestro tema agrario, quizás para una posible superación / minimización de sus efectos.

**Palabras clave:** Cuestión Agraria. Alagoas. Reproducción campesina

## INTRODUÇÃO

A Compreensão da dialética entre capital/trabalho nos dias atuais, marcada pela intensificação das relações de produção e consumo, significa necessidade de atenção para questões que envolvem outra racionalidade, a saber: aquela que privilegia o mercado e nega a necessidade de reforma agrária (VENTURELLI, 2008). Neste sentido, buscou-se analisar as diversas formas de reprodução camponesa a partir de um estudo de caso em acampamentos que margeiam a BR-104, no trecho entre as cidades de União dos Palmares e Murici – AL (Mapa 01)

Mapa 01 – Delimitação da Área de Estudo



Fonte: Organização do Autor

Os resultados atestam, ao nosso ver, a existência de uma questão agrária em Alagoas, como apontam para seu agravamento no atual período da história. Manutenção do rentismo fundiário, ausência de uma política de reforma agrária efetiva, superexploração do trabalho, trabalho degradante, degradação socioambiental, lutas de resistência dos trabalhadores, além da concentração fundiária, para usar expressões de Ramos Filho (2008), são alguns dos corolários da questão agrária presente nesta região.

Mas, consideramos muito importante, antes mesmo de avançarmos na descrição da metodologia, uma rápida diferenciação entre esta e o método. Diferenciação muito importante para uma melhor compreensão dos fenômenos a serem estudados. A nossa compreensão é de que o método se refere à maneira particular de como enxergamos uma dada realidade, com base num conjunto de teorias. Acreditamos, assim, que a percepção da realidade-mundo varia de pesquisador a pesquisador, a depender da sua afiliação filosófica. Já a metodologia se refere, grosso modo, ao conjunto de técnicas e mecanismos utilizados para se percorrer um dado caminho da pesquisa.

No que tange à metodologia, foram aplicados, para consecução deste trabalho, 39 questionários, como amostra de um grupo de aproximadamente 200 famílias. Além disso, fora realizada uma revisão da literatura sobre o tema, isso porque acreditamos que as (re)leituras podem trazer, à tona, novas possibilidades e sugerirem novas análises. Ao nosso ver, o uso de teorias, conceitos ou categorias explicativas, ainda que já tenham sido usadas ou aplicadas em outras realidades, podem sugerir novas possibilidades, a depender do novo recorte espaço – temporal, ou mesmo a partir de um dado novo.

O trabalho de campo foi de grande importância por acreditarmos que a realidade inspira a teoria. É ela [a realidade] que faz brotar novas análises e compreensão do mundo. Ou seja, nossa opção metodológica deriva da preocupação com aspectos da realidade que não podem ser quantificados (GERHARDT E SILVEIRA, 2009). Trata-se, pois, de uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, que não se traduz em números (KAUARK et al, 2010), quanto com a realidade subjetiva dos indivíduos.

É o método que faz a ponte entre a reflexão de uma ciência em particular e a produção historicamente acumulada (MORAES E COSTA, 1987). Assim, a escolha do método, ou a forma particular de enxergar a realidade-mundo, baseou-se no materialismo histórico-dialético, por acreditarmos se tratar do método que melhor explica as contradições atuais. Esse método busca investigar os acontecimentos e processos do passado para verificar sua influência na sociedade atual (LAKATOS e MARCONI, 2003).

Destarte, é um método que possibilita conhecer, o mais próximo possível da realidade, o tempo presente. Esse método, concordando com Kosik (1976), não se contenta com esquemas abstratos da realidade, tampouco com suas simples e abstratas representações. Para o próprio Marx, esse método apresenta resoluções práticas para muitos problemas da realidade atual (Marx apud Silva, 2005). A perspectiva deste método é de que os problemas não podem ser solucionados somente no interior da filosofia, afinal sua origem está no desenvolvimento histórico da realidade concreta. Ou seja, o princípio da unidade entre teoria e prática compõe o caráter ontológico da dialética em Marx, e por isso mesmo consideramos este método mais eficaz na compreensão desta realidade tão complexa, confusa e pouco, ou erroneamente, percebida.

## **BREVES CONSIDERAÇÕES ACERCA DA QUESTÃO AGRÁRIA**

Pensar a Questão Agrária, ao nosso ver estrutural, em economias capitalistas como a brasileira, é e sempre será complexo (SOUSA, 2018). Não há, e talvez nem deva mesmo haver, uma unanimidade na compreensão desta categoria de análise. Na Geografia, a ideia de Questão Agrária aparece, de modo geral, para analisar como a sociedade se apropria do bem natural, que é a terra, e como ocorre a ocupação humana do território (SOUSA, 2018).

Assim, tratamos a categoria, neste trabalho, como um conjunto complexo de problemas relacionados com o desenvolvimento desigual, porém combinado, da agropecuária (GIRARDI, 2008). Desigual e, simultaneamente, combinado porque amplia a riqueza, ao mesmo tempo que a pobreza. Um par dialético, e também contraditório, que garante a reprodução ampliada do capital. Mas, sobretudo, compreendemos esse conceito como “[...] um conjunto de interpretações e análises da realidade agrária, que procura explicar como se organiza a posse, a propriedade e o uso das terras [...]” (STEDILE, 2011, p. 15). Neste sentido, qualquer estudo de caso que aponte para um avanço na compreensão deste problema deve ser considerado, sobretudo quando tratar de regiões ligadas à velha oligarquia agrária, como é o caso de Alagoas, no Nordeste brasileiro.

Pensar a Questão Agrária é crucial para compreensão dos principais problemas agrários que envolvem o campo brasileiro. Mas, por se tratar de um tema complexo que muitas vezes é reduzido ao estudo do agrícola, faz-se necessário uma rápida discussão acerca do próprio sentido que se dá à Questão Agrária.

Na Sociologia, já afirmamos em outros momentos, o conceito é, quase sempre, associado à forma como as relações sociais são desenvolvidas na organização da produção agrícola. Na História, o conceito aparece como forma de explicar a evolução da luta política e de classes em busca do domínio e controle de territórios e posse da terra. Já a ciência geográfica, objetiva analisar como a sociedade se apropria do bem natural, a terra, e como se dá a ocupação do território (SOUSA, 2017).

Nesse sentido, ancorados em Girard (2008), tratamos a questão agrária como um conjunto complexo de questões relacionadas ao desenvolvimento desigual, porém combinado, dos problemas relacionadas ao campo. Desigual e combinado porque

ampliam a riqueza, ao mesmo tempo que ampliam a pobreza. Um par dialético e, portanto, contraditório que gera uma reprodução ampliada do capital. Ademais, enxergamos o tema como um conjunto de análises da realidade agrária que busca, em última instância, explicar a organização da posse, a propriedade e o uso das terras.

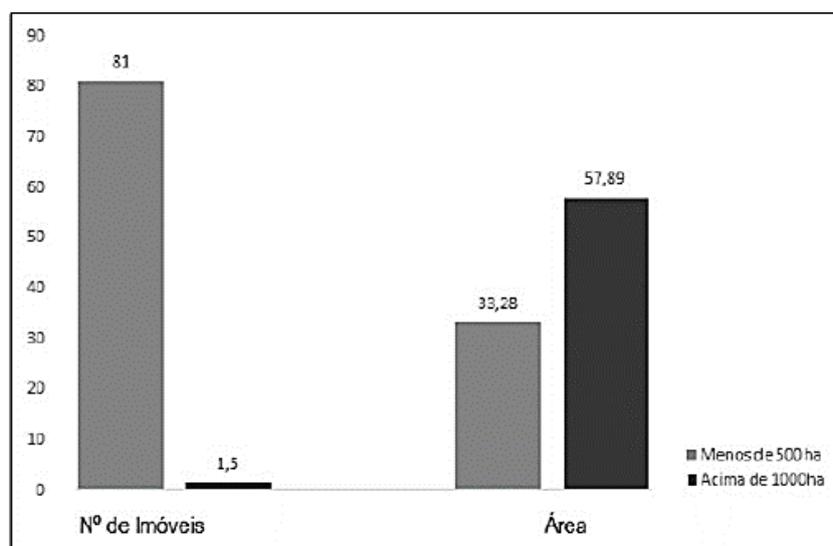
O interesse nesta investigação nasce da observação dos elevados números da violência no campo brasileiro, fato que por si só já denuncia a existência de uma Questão Agrária. Dados Comissão Pastoral da Terra – CPT, apontam nesta direção. A comissão, ao catalogar esses dados não só escancara a violência a que o campo brasileiro está submetido como, principalmente, nos convida a (re)pensar a Questão Agrária no país.

Os números da violência no campo, aponta a CPT, só aumentam. Os 71 assassinatos registrados em 2017, por exemplo, é o maior índice desde 2003, quando foram computados 73 casos. Isto é 16,4% maior que o índice de 2016, quando houve o registro de 61 assassinatos e, praticamente, o dobro de 2014 que registrou 36 casos (CPT, 2017).

Se considerarmos os números de 2016, o fenômeno da violência no campo é igualmente assustador. Neste ano foram registrados 1.536 conflitos, ou seja, 6,8% a mais que em 2017, cujos conflitos totalizaram 1.431. No tocante aos assassinatos propriamente ditos, chegou-se ao índice de 1 assassinato para cada 25 conflitos naquele ano, apontam os dados da CPT. Em grande parte, essa violência toda se deve ao caráter perverso da nossa Questão Agrária.

Se considerarmos, por exemplo, a nossa estrutura fundiária por classe de área (Gráfico 01), verificaremos o quanto ela é perversa. O que se verifica é uma grande quantidade de imóveis ocupando uma pequena área, ao tempo que uma pequena quantidade de imóveis ocupa uma grande parcela da área.

Gráfico 01 - Brasil: Mudanças na Estrutura Fundiária por Classes de Área 2014



Fonte: Rede Dataluta (2015)  
Organização do Autor

Mas, são estes, também, os principais problemas a constituírem a Questão Agrária de Alagoas? É a Questão Agrária em Alagoas diferente daquela existente em outras realidades regionais do Brasil? É preciso dar respostas a estas perguntas. Do contrário, o campo continuará a reproduzir e agravar problemas históricos. Ademais, a nossa estrutura agrária, fortemente marcada pela concentração fundiária, vai culminar, inevitavelmente, em conflitos. Nesse sentido, insistimos, urge pensar o campo, a distribuição das terras e seu uso, a Questão Agrária e suas nuances em Alagoas para, assim, poder compreender a questão agrária a nível de Brasil.

#### **ACAMPAMENTOS DE BEIRA DE ESTRADA E QUESTÃO AGRÁRIA EM ALAGOAS: UM ESTUDO DE CASO NA BR 104 ENTRE UNIÃO DOS PALMARES E MURICI/AL**

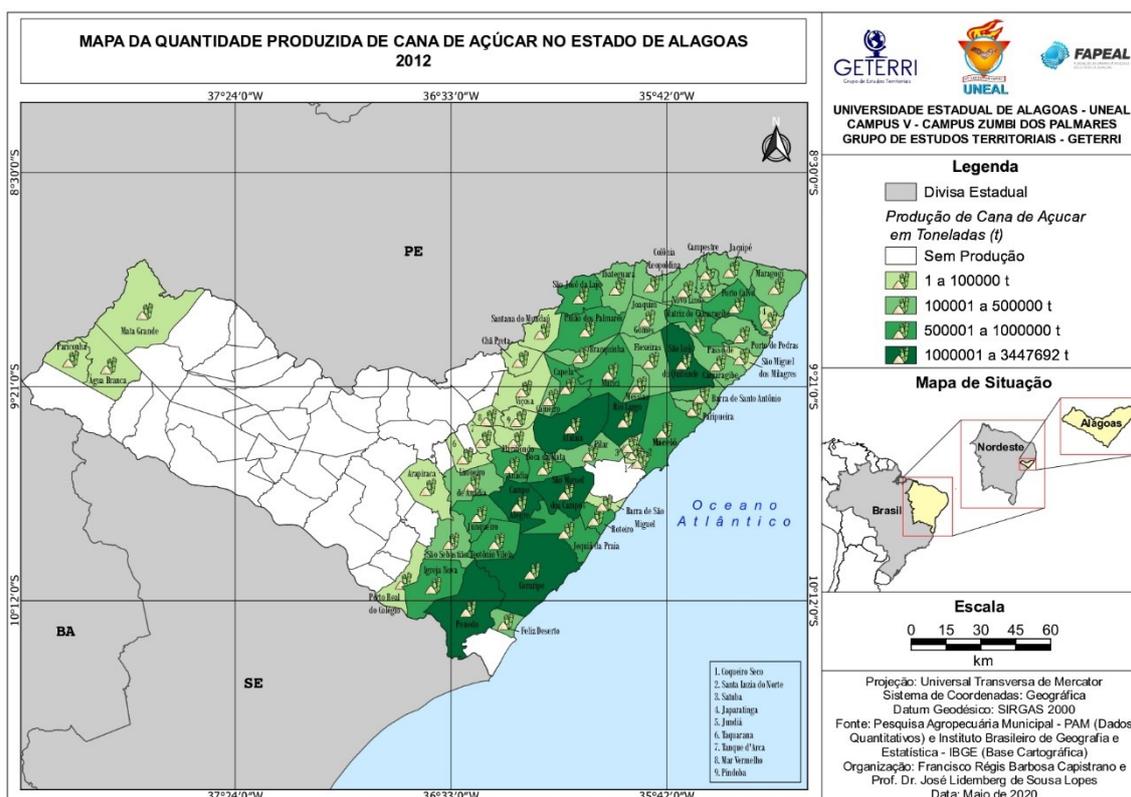
Como uma das velhas regiões monoculturas de cana de açúcar do Brasil, o Nordeste entrou no século XXI como uma das regiões mais pobres (SILVA, 2017). Essa situação se repete em escalas geográficas menores, como no Estado de Alagoas, no trecho da BR-104 entre os municípios de União dos Palmares e Murici. Este Estado foi formado, aponta Lindoso (2000), como parte da expansão europeia e por isso mesmo herdou

diversos dos nossos problemas da colonização.

Os solos de massapé, propícios ao cultivo da cana de açúcar, associado à disposição dos rios, foram de suma importância para o desenvolvimento daquela sociedade (DIÉGUES JUNIOR, 2006), mas também por sua contraditória miséria. Os rios, apelidados por Andrade (1997) de “rios do açúcar”, serviram tanto para o sistema de transporte, como para o sistema produtivo que tem suas origens nos engenhos movidos à roda d’água. Uma vez que o sistema ferroviário e fluvial perderam sua importância, o Estado encerrou o século XX e iniciou o século XXI com um moderno sistema rodoviário para transporte de carga. É ao longo de uma destas rodovias, a BR-104, no trecho apontado no título, que dezenas de famílias camponesas se reproduzem na chamada faixa de domínio.

O território alagoano é, e sempre foi, marcado pelo domínio da cana - de – açúcar (Mapa 02), monocultura que no Nordeste brasileiro sempre marcou a concentração fundiária. O Estado, ademais, apresenta grandes contradições internas e sua política fundiária, caracterizada por uma intensa concentração, associada à presença do agronegócio sucroalcooleiro, tem contribuído para o agravamento da questão agrária local e, logo, para ampliar a Questão Agrária nacional (SOUSA 2013).

## Mapa 02 – Produção de cana – de – açúcar em Alagoas

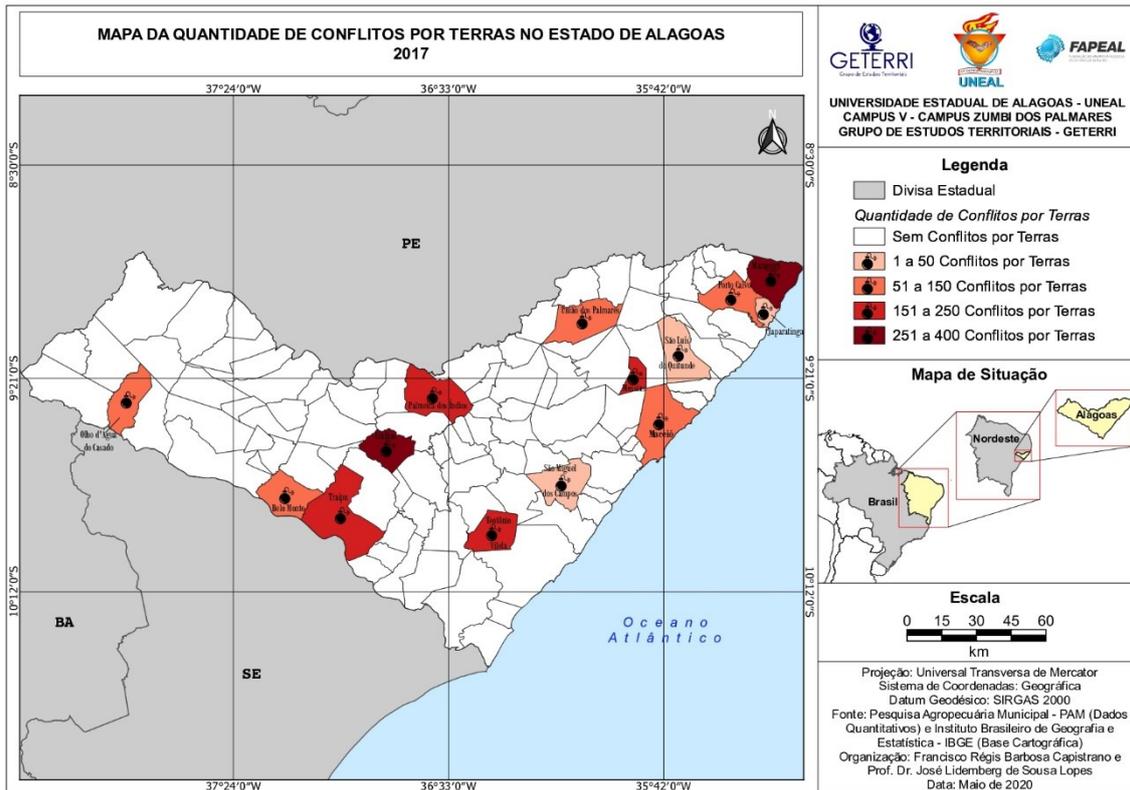


Fonte: Organização do Autor

Essa espacialização da cana – de – açúcar, ocupando significativa parte do território, contribui para o aumento da fome e da desigualdade social. No outro extremo, mas ligado diretamente a esta questão, o território vai sofrer com o aumento dos conflitos. Trata-se de um Estado marcado, tal qual acontece em outras unidades da federação, por intensos conflitos por terra (Mapa 03). O que temos percebido, ao analisar ainda que preliminarmente o caso alagoano, é a necessidade urgente de se pensar a forma como esse território vem sendo usado.

## Mapa 03 Conflitos por Terra em Alagoas

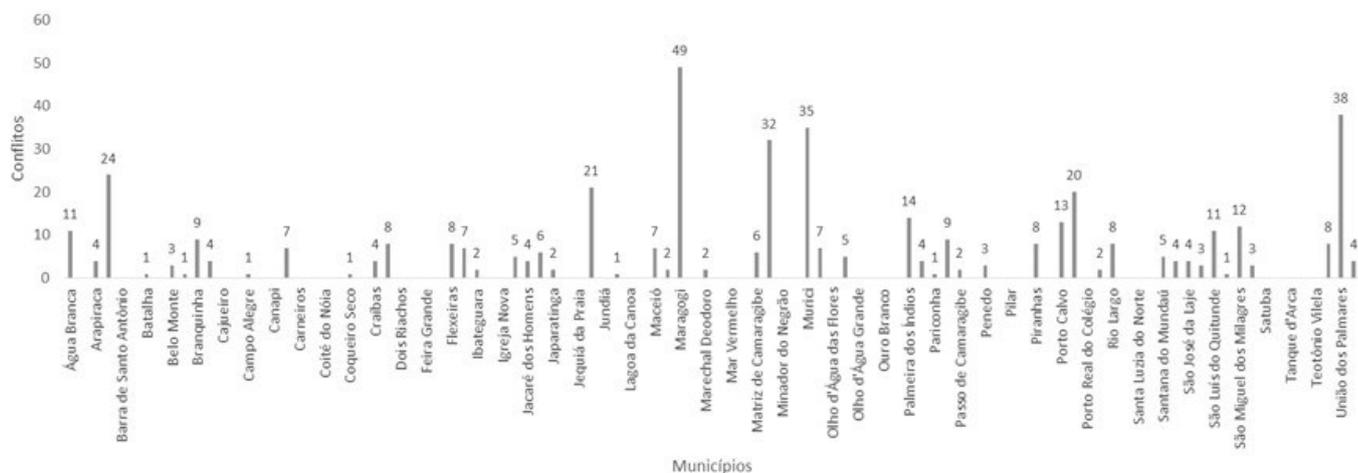
114



Fonte: Organização do Autor

Em 2018, por exemplo, o Estado registrou 16 conflitos envolvendo cerca de 1.227 famílias e 6.135 pessoas. Isso não é pouco. São famílias que poderiam estar se envolvendo não só com a produção para o próprio sustento, mas também produzindo para toda sociedade. Ali, municípios tipicamente canavieiros, a exemplo de União dos Palmares, Maragogi, Murici e Matriz de Camaragibe, possuem um campo muito violento (Gráfico 01).

Gráfico 01 – Alagoas: Conflitos por Município 2000 – 2013



Fonte: Comissão Pastoral da Terra  
Elaboração Gráfico: o autor

A faixa de domínio, objeto de nosso estudo, se estende da cidade de União dos Palmares a Murici-AL. Trata-se de um trecho da BR – 104, rodovia muito movimentada por ser elo entre a capital Maceió e a cidade pernambucana de Caruaru, centro comercial que abastece a região em diversos ramos comerciais. Nesse trecho, há cerca de duzentas famílias acampadas em moradias modestas de madeira, lona plástica e algumas de alvenaria (Figura 02).

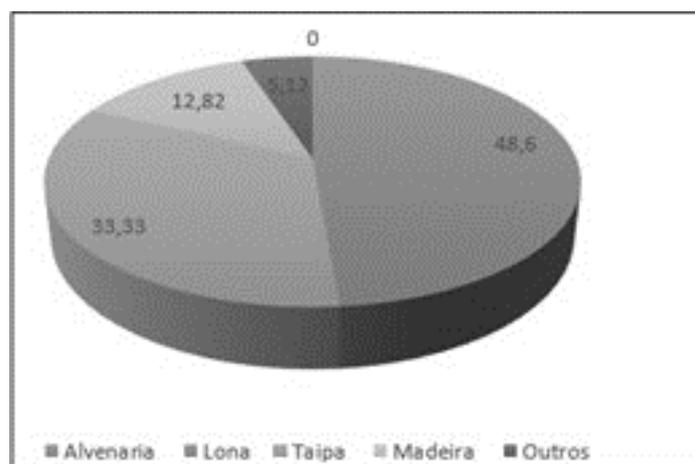
Figura 02 - Acampamento de Trabalhadores Rurais às Margens da BR-104



Ali foram aplicados, no total, 39 questionários entre os meses de fevereiro e março de 2019, junto aos principais movimentos socioterritoriais identificados: Movimento pela Libertação da Terra - MPLT; Movimento Terra Livre – MTL; Movimento Sem Terra – MST e Movimento Unidos pela Terra – MUPT. Deste total, 38,46% se identificaram como agricultor familiar, contra 28,2% que se intitulam camponeses e 33,34% que se definiram de outras formas. O que se percebe é que os trabalhadores que se intitulam camponeses são, na maioria dos casos, engajados na luta política, nas reivindicações por reforma agrária e, quase sempre, estão melhor organizados em sindicatos, agremiações ou grupos coletivos de resistência.

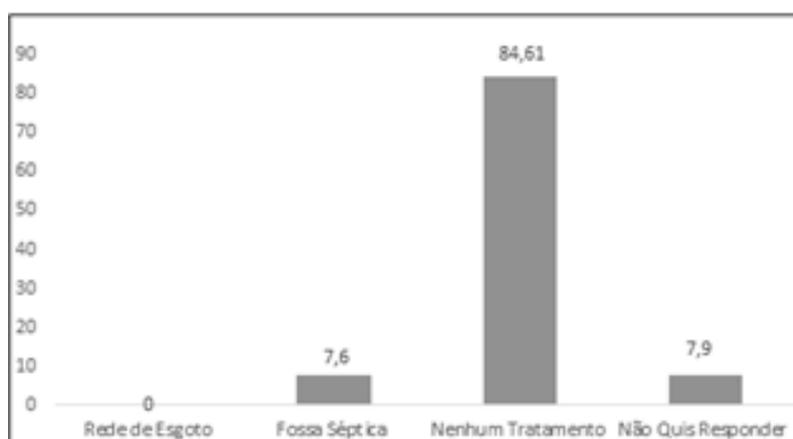
Uma rápida caracterização das condições sociais e econômicas daquelas pessoas, possibilita uma visão geral da nossa questão agrária. Verificou-se, por exemplo, que das 39 moradias visitadas (Gráfico 02) poucas são de alvenaria. A maioria (48,6% do total) é de lona, seguida por aquelas de taipa (33,33%). Nenhuma possui rede de esgoto e apenas 7,6% possui fossa séptica, contra 84,6% que não possuem nenhum tipo de tratamento (Gráfico 03). A renda média dos moradores (Gráfico 04) é menor que 1 salário mínimo (66,6%) e a maior parte (69,12%) deriva do Programa Bolsa Família ou de algum benefício social pago pelo Governo Federal (Gráfico 05).

Gráfico 02 – Tipo de Moradia



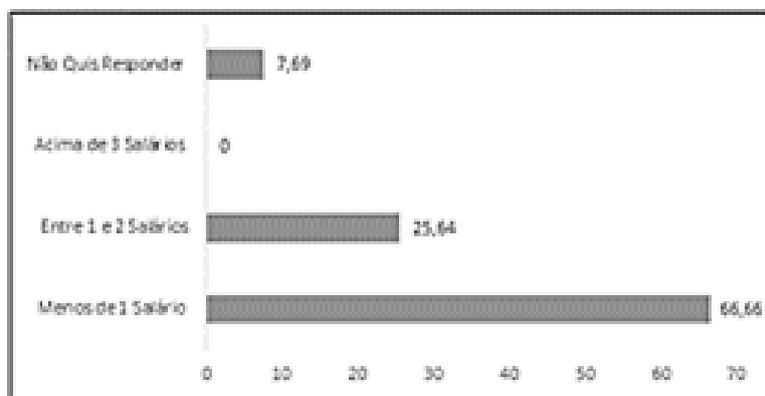
Fonte: trabalho de campo

Gráfico 03 – Tratamento de Resíduos



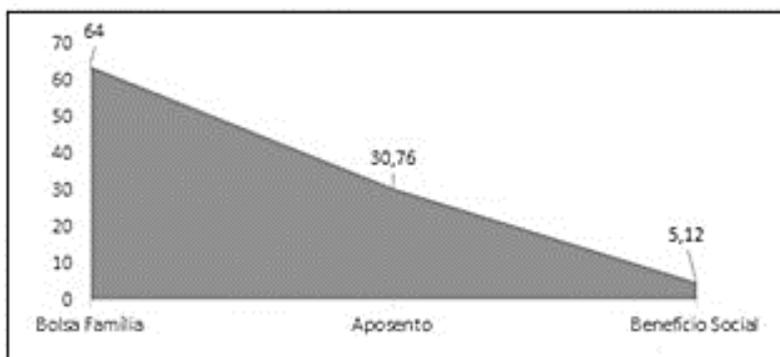
Fonte: trabalho de campo

Gráfico 04 - Renda Média



Fonte: trabalho de campo

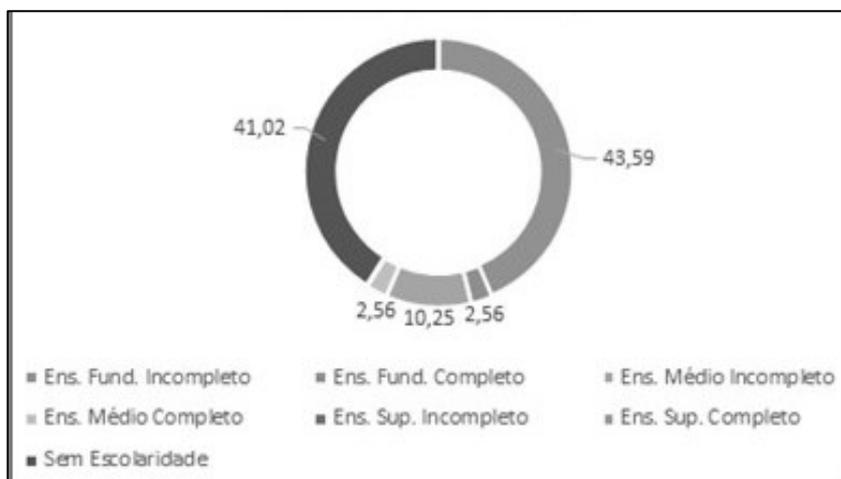
Gráfico 05 – Origem da Renda



Fonte: trabalho de campo

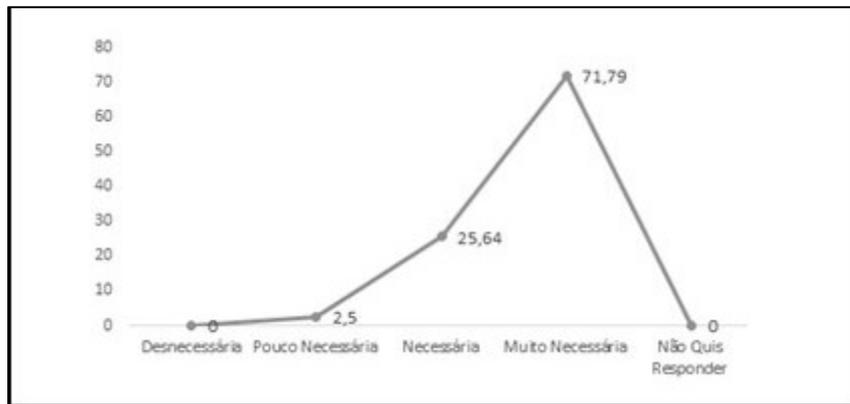
Apesar de mais de 80% dos moradores possuírem apenas ensino fundamental incompleto ou não serem alfabetizados (Gráfico 06), eles possuem uma formação político-ideológica muito consistente. Por exemplo, 71% defende que a reforma agrária é extremamente importante e enxergam o papel dos movimentos socioterritoriais na luta por sua implementação, contra 2,5% que considera pouco importante a atuação destes movimentos (Gráfico 07).

Gráfico 06 – Nível de Escolaridade



Fonte: trabalho de campo

Gráfico 07 - Percepção da Importância da Reforma Agrária



Fonte: trabalho de campo

O que se percebe, portanto, é que apesar dos diversos e persistentes problemas enfrentados, cotidianamente, por estes atores, eles continuam resistindo. Sua resiliência e capacidade de adaptação, na luta por superação dos problemas, são elementos de difícil compreensão pela lógica capitalista de produção. Sua recriação é, portanto, uma contraracionalidade que somente a dialética pode explicar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso (re)pensar a nossa Questão Agrária. Afinal, ela não só está presente nas mais diversas regiões do país, como tem se agravado. Ignorá-la, ou simplesmente minimizar os seus efeitos, não ajudará avançar no combate aos problemas do campo brasileiro. Em Alagoas, estado do Nordeste brasileiro, a Questão Agrária não só se manifesta no campo, como tem apresentado elementos que a coloca no mesmo patamar dos problemas agrários de outros estados da federação. É preciso, pois, encontrar caminhos que os levem à sua superação ou que, ao menos, minimize seus efeitos. Uma possibilidade, há muito já apontada, seria a reforma agrária. Contudo, trata-se de um Estado marcado por uma estrutura social altamente patriarcal, oligárquico, fato que dificulta, sensivelmente, o avanço da reforma. Mas, insistimos, é preciso tomada de decisão. Do contrário, estaremos fadados a continuar reproduzindo uma estrutura agrária cujo corolário é a fome, a miséria e a expropriação do homem do/no campo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, M. C. Usinas e destilarias das Alagoas: uma contribuição ao estudo da produção do espaço. Maceió: Edufal, 1997.
- CPT. Caderno de conflitos no campo 2017. CPT Nacional, 2017.
- DIÉGUES JUNIOR. O bangüê nas Alagoas: Traços da influência do sistema econômico do engenho de cana de açúcar na vida e na cultura regional, 3ª ed. Maceió: Edufal, 2006.
- GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Org). Métodos de pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRS, 2009.
- GIRARDI, E. P. Proposição teórico-metodológica de uma cartografia geográfica crítica e sua aplicação no desenvolvimento do atlas da questão agrária brasileira (Tese). Presidente Prudente: Universidade Estadual Paulista, 2008.
- KAUARK, F.; C., MANHÃES, F.; MEDEIROS, C. H. Metodologia da pesquisa: guia prático. Itabuna: Via Litterarum, 2010.
- KOSIK, K. Dialética do concreto. São Paulo: Paz e Terra, 1976.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Atlas 2003.
- LINDOSO, D. Formação de Alagoas boreal. Maceió: Catavento, 2000.
- MORAES, A. C. R.; COSTA, W. M. da. Geografia crítica, a valorização do espaço. São Paulo: Hucitec, 1987.
- RAMOS FILHO, E. S. Questão agrária atual: Sergipe como referência para um estudo confrontativo das políticas de reforma agrária e reforma agrária de mercado. (Tese). Programa de Pós-graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita”. Presidente Prudente, 2008.
- SILVA, F. A. A pobreza na região canavieira de Alagoas no século XXI: do Programa Bolsa Família à dinâmica dos circuitos da economia urbana (Tese). Campinas, 2017.
- SILVA, R. M. L. A dialética do trabalho no MST: a construção da escola nacional Florestan Fernandes (Tese). Niterói: 2005.
- SOUSA, R. Da Luta Por Acesso à Terra aos Desafios da Permanência: uma contribuição ao estudo da questão agrária no Brasil e Cuba (Tese). São Cristóvão: UFS, 2017.
- SOUSA, R. Da luta por acesso aos desafios da permanência: uma contribuição ao estudo da questão agrária no Brasil e Cuba. Maceió: edição do autor, 2018.
- SOUSA, R; RAMOS FILHO, E. O uso do território pelo agronegócio e os processos de resistência camponesa na sociedade do açúcar. Anais do encontro do evento em comemoração aos 30 do programa de pós-graduação em geografia – Npgeo. São Cristóvão, 29 e 30 de agosto de 2013.
- STEDILE, J. P. A questão agrária no Brasil (O Debate Tradicional: 1500-1960). São Paulo: Expressão Popular, 2011.

VENTURELLI, R. M.. PAULINO, E. T.; ALMEIDA, Rosemeire Aparecida. Terra e território: a questão camponesa no capitalismo. Revista AGRÁRIA, São Paulo, no 9, pp. 96-102, 2008.

---

**Informações sobre o autor:**

Reinaldo Sousa

Doutor em Geografia. Doutorado Sanduiche pela Universidade de Havana-Cuba. Professor Titular da Universidade Estadual de Alagoas. Coordenador do Grupo de Estudos Territoriais-GETERRI.

E-mail: [reinaldo@uneal.edu.br](mailto:reinaldo@uneal.edu.br)

Artigo recebido em 29/09/2020 e aceito em 01/01/2021